

Pão e água à mesa dos pescadores

Greve já leva 50 dias e atinge 700 trabalhadores do arrasto, sobretudo de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos

Os pescadores do arrasto de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos mantêm a greve mais longa de que há memória. E, apesar dos 50 dias que já levam sem ir ao mar, lhes trazem alguns amargos de boca, continuam empenhados nas suas reivindicações.

Esta greve, que abrange a nível nacional 700 pescadores, destina-se a conseguir que a Associação de Armadores "perca a arrogância e se sente à mesa das negociações". Mantendo-se firme contra o início da paralisação, Aníbal Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores de Pesca do Norte, assegura que a luta por melhores condições de trabalho e salários está para durar. Doa a quem doer.

"A greve justifica-se por causa da ninharia que os pescadores ganham e é natural que exijam melhores condições de trabalho como as horas de descanso", acrescentou Isaac Leal, mestre do arrasto, quando conversava com os colegas junto à praia de Caxinas, em Vila do Conde.

Em causa está o pedido de aumento do salário base do pescador de arrasto de 25.500 para 35.500 escudos, o aumento da percentagem de pesca em 0,3 pontos percentuais (de 1,2 para 1,5%), que "não é alterado há cerca de 30 anos", a devida remuneração do trabalho ao fim-de-semana, o aumento do período de pesca intensiva e o cumprimento do descanso de cinco horas diárias.

Apunhalados pelas costas

Manuel Alberto, pescador "desde rapaz", passa os dias no café e em casa, preenchendo o tempo que antes ocupava com a lida do mar e que o levou a "adquirir hábitos completamente diferentes". Sentados num café de Matosinhos, 10 homens falam da pesca, dos armadores e da sua própria vida "abafada", na expressão de Manuel Alberto. "Eu e todos temos uma mão cheia de nada e outra de nada cheia".

"Andam" a apunhalá-los pelas costas. Os pescadores de Matosinhos estão a usufruir de um contrato que a LUT reivindicou sem consultar os pescadores do arrasto, e que querem que seja a Segurança Social a pagar as nossas reivindicações", salientou.

A situação económica instável, visível dia após dia, não atormenta apenas os pescadores. "Há alguns que se agendam, outros não, mas também os armadores estão assim e não só nós", adianta António André, pescador há 40 anos e que ainda hoje luta por melhor assistência social e melhor salário.

Os "operários" do arrasto passam a manhã na Docapeça e a



Há mais de um mês que a frota de arrasto costeiro está parada, acumulando prejuízos na economia

tarde em casa, mas há a convicção "de que não serão vergados pela fome, mesmo com os problemas de pagamentos de casa, de automóvel ou de electrodomésticos", sublinhou Aníbal Sousa, que acusa os armadores de "jogar com esta situação".

A comunidade piscatória vive sobretudo do mar, "havendo ainda poucas famílias em que as mulheres trabalham e cuidam da parte económica da casa", explica.

Poupança familiar

Mais a sul, na Gafanha da Nazaré, Manuel José, também em greve, recorre a poupanças feitas quando andou pelo estrangeiro para manter a família. Casado e com dois filhos a cargo, regressou à pesca do arrasto há dez anos, por conta de uma empresa da Gafanha, depois de ter praticamente acabado a faina do bacalhau, de que fez algumas viagens.

Os seus 47 anos nem sempre foram ligados ao mar. Andou tentado pela emigração, mas ao fim de algum tempo voltou à costa azeviche. Primeiro por conta própria, foi patrão de si mesmo, e depois novamente na empresa de pesca onde já

havia trabalhado. A experiência não o impede de dizer que os patrões querem tudo e por isso é que há esta greve.

Conheceu as malhas do arrasto quando o carapau era a 20 e a 30 escudos e hoje está a 300, mas o que não mudou foi a percentagem paga sobre o pescado, que já então era de 1,2%, que ainda por cima não se recebe se os barcos não saírem para a faina. É o que acontece muitas vezes no Inverno, em que o rendimento fica reduzido a 25 centos, e que os pescadores querem ver nivelado pelo salário mínimo.

Pedro Franca, o representante dos armadores, é dos que mais leva com as culpas da manutenção da greve. O pescador Manuel José não consegue perceber o que "o outro" quer dizer quando afirma que o sector está fraco, se depois continua a tomar posição no capital social de várias empresas de pesca azevichenses. "A gente poupa a term de esperar por situações destas", diz Manuel José, determinado a continuar a greve apesar dos sacrifícios.

No bairro piscatório da Costa Nova, ao cabo de 50 dias de gre-

ve, as mulheres contam as moedas que guardam nos lenços para sobreviver. E rezam à Ria para ajudar a compor o governo da casa.

Com o arrasto em greve, voltam a olhar para a Ria e põem as baterias à água, mais acanhadas no tamanho e nos proventos, mas que lhes vai dando os chocos, os tinguidos, a amêijoia e o berbigão. Vão-se safando, como conta Manuel José, solidário com os que estão ainda mais aflitos, com casa água e luz para pagar.

Apelo à solidariedade para a fome não os vergar

Com a fome a apertar, os pescadores do arrasto contam com a "solidariedade das pessoas". Que nunca os deixaram ficar mal. Aníbal Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores de Pesca do Norte, recorda os tempos, logo a seguir ao 25 de Abril, em que foram estes a ajudar os desempregados de empresas que nessa altura fecharam.

Por isso, apela agora para que "seja feito o mesmo pelos outros trabalhadores, para que

se ajude a resolver alguns problemas de fome e que os pescadores não sejam vergados pela fome".

Não obstante, os pescadores reafirmam a sua intenção de manter a greve e a convicção de que só vão regressar à faina quando estiverem satisfeitos as suas exigências; acrescenta o representante unânime no café de Matosinhos (ver peça principal).

Do último plenário da Federação dos Sindicatos do Sector

da Pesca saiu a ideia de que, "enquanto houver um pão seco e meio litro de água, os pescadores não morrerão de fome".

"Há também perspectivas de solidariedade por parte dos pescadores do cerco e da sardinha de poderem começar a contribuir com um cabaz de sardinha diário", acrescenta o representante sindical, declarando que, "através do apelo dos sindicatos, é esperada mais solidariedade deste tipo".